

A primeira década da Revista O Social em Questão

Sueli Bulhões da Silva⁽¹⁾
Laura Olivieri Carneiro de Souza⁽²⁾

Sueli Bulhões da Silva, nasceu na cidade do Rio de Janeiro, no bairro de Botafogo. Ex-aluna do Departamento de Serviço Social da PUC-Rio, é professora do mesmo desde fevereiro de 1975. A professora Sueli viu a Revista O Social em Questão nascer e se desenvolver. Mais que isso, ela foi uma das protagonistas desse processo, atuando, ao longo de uma década, como sua editora científica. Nesta edição comemorativa, ela nos oferece um testemunho destas duas trajetórias entrecruzadas: a da profissional e a da Revista.

⁽¹⁾ Doutora em Serviço Social pela Catholic University of America, USA, com mestrado em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e Professora do departamento de Serviço Social da PUC-Rio..

⁽²⁾ Historiadora (graduação e mestrado em História pela PUC-Rio) e doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da PUC-Rio.

Laura - Poderia nos contar um pouco a sua trajetória acadêmica e profissional?

Sueli - Minhas trajetórias acadêmica e profissional estão interligadas. Terminei o curso de graduação em Serviço Social, na PUC-Rio, no ano de 1973. O meu Trabalho de Conclusão de Curso foi desenvolvido no Curso Supletivo do Colégio Santo Inácio, localizado em Botafogo, onde estagiei durante todo o ano de 1973. O referido curso atende a uma população adulta, de classe sócio-econômica empobrecida e que não teve condições de freqüentar a escola na idade apropriada ou teve que abandoná-la para trabalhar. Uma das características do perfil dos alunos que lá estudam é que a maioria é do gênero feminino (esta característica se mantém até os dias atuais) e trabalha como empregada doméstica. Em 1972, se não me falha a memória, foi aprovada a primeira Lei brasileira garantindo a esta classe trabalhadora direitos junto ao INPS. Então, meu TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) versou sobre esta questão, o que me levou a entrar em contato com pessoas que militavam junto à antiga Associação de Empregados Domésticos do Rio de Janeiro (hoje, Sindicato).

Com o diploma de Assistente Social, fui chamada, no início do ano de 1974, para coordenar um Centro Social voltado para a capacitação de empregadas domésticas que pertencia ao Banco da Providência e que se localizava nas dependências da Igreja da Divina Providência, situada à Rua Lopes Quintas, no Jardim Botânico. Este convite foi em função de meu trabalho de Conclusão de Curso. Ao mesmo tempo, a coordenação do Curso Supletivo do Colégio Santo Inácio me convidou para dar aulas de Inglês (eu cursei o IBEU todo) no Ensino Médio, que havia sido reconhecido oficialmente pela Secretaria de Educação do Estado em fins de 1973. Por um lado, eu relutei em aceitar o convite, pois não havia me formado para ser professora de Inglês, mas por outro fiquei tentada a aceitar por considerar que era uma oportunidade de

retornar a um campo que me havia fascinado: o da educação de jovens e adultos carentes. Após algumas conversas com a coordenação do Curso ficou decidido que tão logo houvesse uma oportunidade de eu trabalhar como assistente social eu não daria mais aulas. Aceita a proposta, comecei a trabalhar uma noite por semana no Santo Inácio como professora de Inglês e todas as tardes no Centro Social do Banco da Providência.

Em março de 1974, a professora Ilda Lopes R. da Silva, que fora minha professora durante a graduação na PUC, me convidou para ser sua monitora na disciplina Serviço Social de Casos. A justificativa para tal convite foi que ela e outros professores haviam identificado em mim uma grande habilidade para lecionar, observada nas apresentações de seminários exigidos em diferentes disciplinas. Devo revelar também que minhas notas, durante todo o curso, sempre foram muito boas. Assim, acredito que a clareza de minhas apresentações nas aulas somada ao meu desempenho acadêmico tenha contribuído para que o Departamento vislumbrasse a possibilidade de formar/capacitar uma ex-aluna para integrar o seu quadro de professores em momento propício. Mais uma vez, a docência aparecia na minha vida. A partir de março de 1974 passei a acompanhar a professora Ilda, duas vezes por semana, nas aulas. Além disso, me encontrava com ela para reuniões de estudo e preparação das aulas. A experiência poderia ser comparada à de Estágio Docência que é oferecida, hoje, aos alunos dos cursos de Pós-Graduação *strictu sensu*.

Em julho de 1974, uma freira que integrava a equipe dos Serviços de Orientação do Curso Supletivo do Colégio Santo Inácio foi transferida pela Superiora de sua Congregação Religiosa para outro Estado e, como havia sido combinado, a coordenação do Curso mudou meu contrato para o de assistente social. Contudo, acumulei as funções de professora e de assistente social no Curso Supletivo até o final do referido ano. Em fevereiro de 1975, o Departamento de Serviço Social da PUC oficializou minha contratação como professora instrutora, com uma carga horária de 24 horas semanais. Esta categoria não mais existe na carreira docente. Com as manhãs, tardes e noites tomadas eu precisava decidir se continuaria ou não no Centro Social do Banco da Providência. Com dificuldade, pois também gostava muito do trabalho que

lá realizava, decidi sair e indiquei para o meu lugar uma ex-aluna de Serviço Social da UFRJ que havia sido minha estagiária durante o ano de 1974, que se formara em dezembro daquele ano e que reunia todas as condições para realizar um excelente trabalho. E assim fiz.

Durante o ano de 1975, portanto, minhas atividades profissionais e acadêmicas se resumiam ao trabalho no Curso Supletivo do Colégio Santo Inácio todas as noites, como assistente social e no Departamento de Serviço Social da PUC-Rio como docente, todas as manhãs e uma tarde.

Em 1978 passei a exercer a Coordenação dos Serviços de Orientação do Curso Supletivo (equipe constituída por uma psicóloga, três orientadoras educacionais, três assistentes sociais e um médico) o que aumentou minha carga horária e me exigiu três tardes de trabalho, além das noites. Nesse mesmo ano, iniciei meu mestrado em Serviço Social no Departamento de Serviço Social da PUC. Ainda na PUC, em 1979, passei a ocupar a Coordenação da Graduação, cargo que exerci até 1987. Devido às exigências da carreira acadêmica, em janeiro de 1988 iniciei meu doutorado em Serviço Social na *Catholic University of America, School of Social Service*, em Washington, DC, nos Estados Unidos. Em virtude do doutorado, pedi demissão do Curso Supletivo do Colégio Santo Inácio. Acho que foi um dos dias mais tristes da minha vida.

No início do ano de 1992, retornei ao Brasil para desenvolver minha pesquisa de doutorado e, ao me apresentar no Departamento de Serviço Social, fui informada de que assumiria, a partir daquele momento, a coordenação da Pós-Graduação que, só oferecia o curso de Mestrado. Não tive escolha.

Como minha pesquisa foi realizada junto aos alunos do Curso Supletivo do Colégio Santo Inácio, se o referido curso funcionasse de manhã ou à tarde talvez eu não a tivesse concluído, pois a coordenação da Pós, as aulas assumidas na Graduação e algumas orientações me tomavam bastante tempo. Com isso, quase dois anos se passaram e eu que achava que em um semestre faria todo o trabalho de campo da minha pesquisa de doutorado!

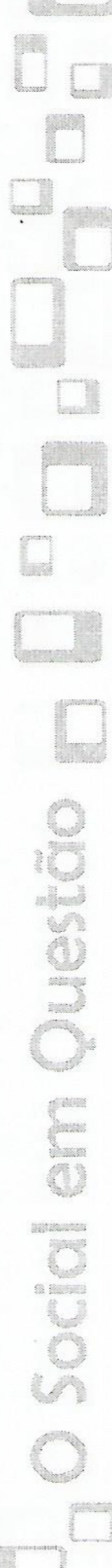
Em 1994, no final do ano, retornei aos Estados Unidos para terminar de escrever a tese, uma vez que a pesquisa estava finalizada. Em maio de 1995, voltei ao Brasil com o título de Doutora em Serviço Social e reassumi meu

trabalho na PUC. Em finais de 1997, a Província dos Jesuítas do Brasil Centro-Leste, através do Diretor Executivo do Centro Pedagógico Pedro Arrupe, me convidou para escrever o Diretório Pedagógico do Projeto Educativo da referida Província. Aceitei e, com isso, retornei, indiretamente, à minha atuação no campo da educação escolar, uma vez que até hoje integro a equipe de pesquisadores do Centro Pedagógico. Na PUC, em 1998, reassumi a Coordenação da Pós-Graduação do Departamento, cargo que ocupei até novembro de 2005, e em agosto de 2007 a direção do Departamento me designou para a Coordenação Acadêmica do Mestrado Interinstitucional desenvolvido junto ao Centro Universitário do Norte (UNINORTE), em Manaus.

Como se pode perceber, o Serviço Social e a Educação sempre se entrelaçaram na minha trajetória acadêmica e profissional.

Desde quando trabalha a temática da violência? Como chegou a essa temática em suas pesquisas?

A temática da violência entrou na minha trajetória um tanto por acaso. Durante meu doutorado, aproveitei para cursar algumas disciplinas relacionadas à temática da família. Após retornar ao Brasil, em 1995 e já com o título de doutora, a profa. Ilda Lopes R. da Silva, que coordenava o curso de Especialização em Atendimento a Crianças e Adolescentes Vítimas de Violência Doméstica, me perguntou se eu não poderia colaborar com o mesmo participando na orientação das monografias de conclusão do curso. Naquele momento, se não me falha a memória, a profa. Dra. Victoria Fahlberg, uma das idealizadoras do curso, estava para retornar aos Estados Unidos e não poderia mais orientar os alunos. Assim, pela minha ligação com a profa. Ilda e afinidade com a temática do curso, aceitei. Com isso, enveredei pelo campo da violência doméstica e, posteriormente, passei a ministrar a disciplina Violência, Cidadania e Serviço Social, eletiva do nosso curso de Pós-graduação. A pesquisa surgiu em função da estruturação do Doutorado -cuja primeira turma teve início em março de 2003- que se organiza em torno de quatro linhas de pesquisa, sendo uma delas Violência, família, direitos sociais, à qual me integrei.



Como foi o início de seu trabalho para a Revista *O Social em Questão*? Você já havia trabalhado com editoração anteriormente?

Nunca havia trabalhado com editoração. Sempre fui muito curiosa e detalhista. No início da Revista não tínhamos uma Editora Científica ou alguém oficialmente responsável por sua editoração como temos agora. À coordenação da Pós-graduação cabia entrar em contato com a gráfica e entregar os artigos organizados em torno de uma temática escolhida pelas diferentes linhas de pesquisa do Programa. Assim, a cada Revista, após reunião do Conselho Editorial, decidido o tema, um grupo de professores se responsabilizava por sua organização, fazia a leitura dos artigos recebidos enquadrando-os nas normas editoriais e corrigia a primeira prova proveniente da gráfica. Neste momento, em função do volume de trabalho de todos os professores envolvidos e independente da grande vontade de todos de se trabalhar coletivamente, havia necessidade de alguém fazer uma leitura final e verificar se tudo correspondia ao padrão, ou seja, se havia uniformidade nos títulos, subtítulos, bibliografia e/ou referências bibliográficas, citações, digitação, etc. Como passar um pente fino. Enfim, um trabalho que não aparecia, mas que era fundamental para garantir o padrão da publicação. Aos poucos fui assumindo esta tarefa em função da constatação da necessidade de revisão final dos textos e da confiança que meus colegas depositavam na minha leitura. Cheguei, inclusive, a construir um código de correção com o responsável pela impressão gráfica final. Esta prática se manteve por quase uma década de publicação da Revista. No início, o responsável pela impressão gráfica escolhia, de acordo com a temática daquele número, o quadro de Portinari que comporia a capa da Revista e nos mostrava o layout já em sua versão final, ou seja: cores, disposição dos títulos, etc.. Porém, por volta do quarto ou quinto número, esta gráfica fechou e tivemos que sair a procura de alguém que pudesse se responsabilizar por este trabalho sem cobrar muito caro. Quem ajudou foi a direção do CBCISS (Centro Brasileiro de Cooperação e Intercâmbio de Serviços Sociais) que indicou os serviços da gráfica responsável pela publicação da Revista *Debates Sociais*. Com esta mudança, o novo responsável pelos serviços de impressão solicitou que quando a Revista fosse entregue para a gráfica a capa também já estivesse definida e, assim, eu passei a selecionar quatro ou mais possíveis obras de Portinari, relacio-

nadas ao tema da mesma, que eram colocadas em votação pelo grupo de professores organizador daquele número. A procura da pintura mais adequada ao tema da Revista me possibilitou conhecer a riqueza da obra de Candido Portinari!

Quando e em que circunstâncias saiu o primeiro número da revista?

O primeiro número da Revista saiu no primeiro semestre de 1997, por ocasião da comemoração dos 60 anos do Departamento de Serviço Social da PUC-Rio e dos 25 anos do seu Programa de Mestrado. O Programa havia passado por um processo de atualização e redefinição de sua estrutura curricular e de suas linhas de pesquisa e havia a necessidade não só de dar visibilidade a este processo, como também ter um canal próprio de divulgação dos trabalhos de docentes e discentes do Programa e de outros colaboradores dedicados à pesquisa na área das Ciências Sociais. Na época, também, os critérios de avaliação dos Programas pela CAPES estavam mudando e a questão da publicação, tanto de docentes quanto de discentes, passou a ser muito valorizada. As revistas Serviço Social e Sociedade e Debates Sociais eram os únicos veículos nacionais de publicação na área e os Programas de Pós-graduação precisavam dar visibilidade às suas pesquisas e demais produções. Uma forma encontrada para tal foi criar seus próprios veículos de divulgação. Assim, exatamente no mesmo ano, surgiram as revistas Praia Vermelha, da UFRJ (primeiro número saiu em 1997) e a Ser Social, da UNB (também editada pela primeira vez em 1997), além da nossa: O Social em Questão.

Como foi a escolha do nome da Revista?

Como já abordei anteriormente, a Revista chegou em um contexto de reestruturação curricular do Programa e de demarcação de sua nova área de concentração. A escolha do título sinaliza bem este momento. A coordenação do Programa havia solicitado aos professores e alunos sugestões de títulos. Da parte dos alunos, se bem me lembro, nada surgiu. Já por parte dos professores os títulos foram muitos e expressivos. Contudo, alguns lembravam periódicos já existentes, tipo "O Social em Debate" muito próximo do Debates Sociais do CBCISS. Posto em votação pelo coletivo dos professores, o título "O Social em

Questão" (não me recordo quem o sugeriu) foi o escolhido por considerarmos que o mesmo não só circunscrevia de forma apropriada o conteúdo do debate no campo da Política Social e do Serviço Social, como também assinalava a importância de se produzir e refletir sobre um campo do saber em sua historicidade e contemporaneidade.

Quem eram os protagonistas desse trabalho? Quem teve a iniciativa de fazer uma revista do Programa de Pós-Graduação do Departamento?

A iniciativa partiu da Coordenação do Programa, que naquele momento era exercida pela profa. Myrtes de Aguiar Macêdo, apoiada pela diretora do Departamento, profa. Luiza Helena Nunes Ermel, e pelo conjunto de professores que compunha o quadro docente da Pós-graduação. Cabe ressaltar que no final do ano de 1995, a profa. Myrtes conseguiu, através de uma coedição entre a PUC-Rio e o CBCISS, divulgar, através de uma edição especial da revista Debates Sociais, textos de professores do nosso Programa. Acredito que a boa repercussão desse número especial da Debates Sociais tenha contribuído para criar, entre os professores do nosso Programa, a confiança necessária para lançar a sua própria revista.

Qual foi (ou quais foram) o(s) número(s) que te marcou (marcaram)? Por quê?

Todos marcaram, seja pelo conteúdo, pela temática, pelo espírito de empreendedorismo do nosso grupo de professores, ou mesmo pela realização da publicação em si. Contudo, devo confessar que o primeiro número trouxe uma marca especial, pois foi com ele e a partir dele que nosso Programa ganhou visibilidade nacional e junto aos demais Programas de Pós-graduação da PUC-Rio. Foi também com o primeiro número que a linha editorial da Revista foi demarcada, qual seja: possibilitar a troca de resultados de pesquisa e estudos entre pesquisadores, destacando-se alguns temas, definidos como de interesse do nosso grupo de professores e que, não só correspondiam aos estudos que estavam em desenvolvimento no âmbito do Programa, como tam-

bém propiciavam robustez à sua área de concentração –Serviço Social, Questão Social, Direitos Sociais. Neste sentido, a temática do Trabalho ganhou centralidade e foi título do primeiro número, seguida das temáticas Questão Social e Direitos Sociais, Enfrentamentos da Questão Social, Violência e Direitos e outras, sempre relacionadas à área de concentração do Programa. Ainda no primeiro número, além dos artigos resultantes de pesquisas em torno do tema Trabalho, há um artigo muito interessante da profa. Marilena Jamur que, partindo do título da Revista, tece reflexões e considerações sobre a relação entre o social construído e a questão social. Com o primeiro número, o nosso coletivo de professores deixava bem claro qual era a nova proposta do Programa e a linha editorial de sua revista.

Que avaliação você faz desses 11 anos de O Social em Questão?
Minha avaliação é positiva. Em que pese a dificuldade de editar uma publicação sem muitas condições para tal (não tínhamos e ainda não temos estrutura de pessoal responsável unicamente por sua organização, montagem, revisão, etc) e sem um distribuidor, tudo sempre foi feito a partir do empenho do nosso quadro de professores da Pós, a Revista se consolidou como um periódico bem avaliado por nossos pares e pela CAPES. Até as últimas mudanças no sistema Qualis ela estava avaliada como A - Nacional, o que era considerado muito bom.

Que expectativas você tem daqui para a frente com relação à Revista? Como imagina que ela deveria ser?

Minhas expectativas se referem ao fato de que ela atinja os requisitos exigidos para uma publicação ser considerada como científica pela CAPES, segundo as novas exigências estabelecidas a partir do Qualis periódico. Um passo importante para tal será sua indexação, uma vez que propiciará maior visibilidade da produção do conhecimento no campo do Serviço Social e ampliará o debate científico e acadêmico na área das Ciências Sociais Aplicadas e afins. O esforço e apoio de todo o grupo de professores do Programa são e sempre serão extremamente necessários para o aprimoramento da nossa Revista.

Contudo, considero fundamental a contratação de alguém que possa atuar como Editora Técnica, em conjunto com a Editora Científica, na produção de cada exemplar da Revista desde a chamada para os artigos até o lançamento de uma nova edição.

**Gostaria de se aproximar novamente da execução da revista?
Que contribuições você poderia dar?**

Acho importante que outras pessoas do nosso quadro de professores tenham a experiência que eu tive. Hoje, a Revista já se encaminha para um outro patamar e a profa. Denise Pini Rosalem da Fonseca, que é a Editora Científica, conta com a sua participação como responsável pela co-editoração e revisão dos textos, o que significa um grande ganho. Vejo a minha contribuição como sendo a de um membro do Conselho Editorial que tem a responsabilidade de avaliar e julgar a qualidade dos trabalhos encaminhados para publicação e sempre irei colaborar não só para o aprimoramento da Revista como para a manutenção de sua qualidade.

O que achou de ter participado dessa entrevista?

Foi muito bom, pois me deu a oportunidade, através do meu olhar, de deixar registrada a história do processo de construção de uma revista de um Programa de Pós-Graduação que vingou e continua dando seus frutos.

Professora Sueli, muito obrigada pela doação do seu precioso depoimento, que muito contribui para a memória da Revista O Social em Questão e do próprio Departamento.

Obrigada também. Foi um prazer contribuir para a memória da Revista e resgatar também um pouco da minha própria história profissional.